

LETRAMENTO AUDIOVISUAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE: Necropolítica e Resistência¹

Juliane Kelm Ramos²

RESUMO

Este estudo analisa uma oficina de letramento audiovisual que utiliza o filme *M8 – Quando a Morte Socorre a Vida* (De, 2020) como recurso formativo para abordar o racismo estrutural e a necropolítica no campo da saúde. A pesquisa qualitativa combina leitura crítica de cenas com discussões coletivas. Os resultados evidenciam que a linguagem fílmica favorece reflexões sobre desigualdades, branquitude e cuidado, apontando a necessidade de ampliar a representatividade nos espaços formativos. A experiência destaca o cinema como ferramenta para provocar deslocamentos no olhar e fomentar uma educação em saúde mais crítica, ética e comprometida com a justiça social.

PALAVRAS-CHAVE

Letramento Audiovisual; Formação em Saúde; Cinema e Educação; Racismo Estrutural.

INTRODUÇÃO

O cinema, enquanto linguagem estética e social, apresenta um potencial pedagógico significativo, especialmente quando articulado a práticas formativas críticas. Este artigo analisa uma oficina pedagógica promovida pela Liga Acadêmica de Pediatria Interdisciplinar (Lapedi/UFPR), realizada em junho de 2025, que utilizou o filme *M8 – Quando a Morte Socorre a Vida* (De, 2020) como disparador para reflexões sobre necropolítica, racismo estrutural e cuidado.

A proposta partiu da experiência anterior no mestrado profissional, que evidenciou o cinema como recurso potente na formação continuada. Com adaptações, a abordagem de letramento audiovisual crítico (Soares, 2009; Kleiman, 1995; Fresquet, 2013; Duarte, 2009) e imaginação sociológica (Mills, 1969) foi aplicada junto a um grupo interdisciplinar de estudantes das áreas da saúde, urbanismo e educação básica.

¹ Trabalho apresentado para o GT Beta - Comunicação Popular e ativismos midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Mestra em Sociologia (PROFSOCIO-UFPR), especializando em Mídias na Educação (UFPR/UAB). Graduada em Sociologia pela PUC-PR e professora da Educação Básica do Paraná. E-mail: ramoskelmjuliane@gmail.com.

A relevância da oficina torna-se evidente quando contextualizada nas persistentes desigualdades estruturais que marcam a realidade brasileira. Conforme aponta o relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades (Peres, 2024), pessoas negras permanecem entre os grupos com menor rendimento médio e maiores taxas de desocupação — inclusive na região Sul, local em que a atividade foi desenvolvida. Ao articular o letramento audiovisual à formação em saúde, com atenção às dinâmicas de exclusão e desigualdade, a oficina se apresenta como uma proposta pedagógica situada, atenta ao território e voltada à construção de práticas profissionais socialmente contextualizadas.

Para isso, este estudo busca demonstrar como os participantes mobilizaram os sentidos das cenas a partir das perguntas propostas, explorando os efeitos pedagógicos da linguagem cinematográfica na formação em saúde. Assim, o artigo organiza-se, após esta introdução, em quatro seções: metodologia, fundamentação teórica, análise e resultados, seguidas de considerações finais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, fundamentada no letramento audiovisual crítico (Fresquet, 2013; Duarte, 2009) e na imaginação sociológica (Mills, 1969). A oficina foi realizada no campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná (UFPR), promovida pela Liga Acadêmica de Pediatria Interdisciplinar (LAPEDI), com duração de três horas. Participaram 14 estudantes dos cursos de Enfermagem (50%), Terapia Ocupacional (28,6%), Psicologia (7,1%), Gestão Urbana (7,1%) e Ensino Médio (7,1%), com predominância mulheres cisgênero e pessoas brancas (71,4%).

A baixa presença de pessoas negras entre os participantes configurou um dado relevante para as análises, especialmente considerando que os temas debatidos — como racismo estrutural e necropolítica — exigem um posicionamento ético diante de experiências historicamente marcadas pela exclusão. É importante observar como a composição racial do grupo influencia não apenas as leituras construídas, mas também o alcance crítico dos debates. Tal cenário suscitou reflexões sobre o lugar social da branquitude, compreendida como posição de privilégio racial historicamente naturalizada (Bento, 2022).

A atividade foi estruturada em três momentos: sensibilização, leitura fílmica e análise coletiva. Após uma breve exposição dialogada sobre os conceitos de necropolítica (Mbembe, 2018), racismo estrutural (Carneiro 2003; Munanga, 2004), e cuidado, os participantes assistiram a uma cena selecionada do filme *M8 – Quando a Morte Socorre a Vida* (De, 2020). Em seguida, foram divididos em cinco grupos e receberam QR Codes com acesso aos respectivos trechos de cena a serem analisados, além de perguntas estruturadas e *frames* impressos, com o objetivo de ancorar a análise nos elementos da linguagem cinematográfica.

Não houve mediação direta durante a análise em grupo, mas após a visualização coletiva de cada trecho, os participantes apresentaram suas leituras para o conjunto. Nesse momento, a condução da oficina direcionou o olhar para elementos fílmicos — como plano, som, enquadramento, *mise-en-scène* e simbolismos — articulando-os aos sentidos sociopolíticos das imagens. As observações realizadas durante as discussões e apresentações foram registradas por meio de observação participante e um formulário online, no qual os participantes registraram suas impressões sobre a experiência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A oficina apoia-se na concepção de letramento audiovisual como prática social crítica, entendida aqui como o desenvolvimento da capacidade de ler, interpretar e produzir sentidos a partir de textos multimodais (Kleiman, 1995; Soares, 2009), com ênfase na linguagem fílmica (Fresquet, 2013; Duarte, 2009). Esse letramento não se restringe à decodificação de imagens, mas propõe uma postura ativa diante dos dispositivos audiovisuais, compreendendo-os como portadores de ideologias, afetos e disputas simbólicas. Assistir a um filme é também um ato de leitura crítica do mundo.

A proposta dialoga com a noção de ubiquidade das imagens e mediações digitais contemporâneas (Beiguelman, 2021), reconhecendo que os sujeitos estão constantemente imersos em narrativas visuais. Desenvolver letramento audiovisual, portanto, é ampliar a capacidade de perceber os enquadramentos, os sons, os cortes, os planos e as escolhas estéticas como elementos que constroem significados — e que podem reproduzir ou subverter lógicas de poder. Nesse sentido, a crítica de Silvia Rivera Cusicanqui (2018) à colonialidade do olhar inspira a proposta, ao destacar que descolonizar o pensamento

exige também questionar os modos de ver e representar os corpos racializados.

A partir de Jacques Rancière (2009), compreende-se o cinema como partilha do sensível: uma forma de redistribuir o que pode ser visto, dito e sentido. A sensível, nesse caso, refere-se ao campo do perceptível e do enunciável, ou seja, ao que ganha visibilidade e reconhecimento na esfera pública. O filme torna-se, assim, uma arena onde se disputam narrativas e posições de sujeito.

No caso de *M8 – Quando a Morte Socorre a Vida* (De, 2020), essas disputas aparecem tanto na *mise-en-scène* quanto na trilha sonora, que tensionam a normalização do racismo nas instituições. Ao propor um exercício de leitura crítica de imagens — como as do filme —, a oficina buscou questionar essas estruturas coloniais do olhar, ativando outros sentidos possíveis para a morte, o cuidado e a ancestralidade.

ANÁLISE E RESULTADOS

A oficina evidenciou o potencial do letramento audiovisual crítico, entendido como prática social e ideológica (Soares, 2009) e formação do olhar (Fresquet, 2013), ao empregar o filme como mediador de reflexões sobre racismo, necropolítica — conceito que, em Mbembe (2018), expressa o poder de decidir sobre a vida e a morte — e cuidado em saúde.

Entre as cenas analisadas, a do laboratório (de 9min23s a 10min30s) — utilizada como disparadora das leituras críticas antes da atividade prática em grupo — destacou-se por articular, de maneira expressiva, os recursos da linguagem cinematográfica aos marcadores sociais da diferença. Nela, Maurício, o protagonista negro, vivencia seu primeiro contato direto com um cadáver, também negro, identificado apenas como "M8". A tensão é visível em sua postura corporal e expressões faciais, contrastando com a naturalização do procedimento pelos colegas brancos. A cena alcança seu ponto de maior impacto quando apenas Maurício enxerga M8 abrir os olhos, sugerindo uma conexão simbólica entre os dois corpos racializados — um vivo e um morto — e evocando temas como ancestralidade, exclusão e a violência institucional invisibilizada³.

A *mise-en-scène*, composta por elementos assépticos, luvas cirúrgicas e gestos impessoais, expressa uma ideologia do olhar que, como aponta Mbembe (2018), remete

³ As imagens são polissêmicas e abertas a múltiplas leituras.

à histórica condição de descarte dos corpos negros nas dinâmicas necropolíticas do Estado. Em contraponto, a proposta da oficina valoriza saberes plurais, interpelando a hegemonia da racionalidade biomédica nos processos formativos em saúde. Nesse contexto, o quadro a seguir sistematiza as principais cenas analisadas pelos grupos, os temas sociais mobilizados e as reflexões geradas.

Quadro 1 – Cenas analisadas e reflexões geradas

Cena analisada	Tema em foco	Reflexões geradas
A música “Crime Bárbar”, de Rincon Sapiência (2017), toca no carro durante a travessia da cidade.	Racismo estrutural e juventude negra.	Classe, ancestralidade e a importância do acolhimento.
Ritual afro-brasileiro com Maurício e sua mãe.	Espiritualidade, cuidado e resistência.	Revalorização das práticas religiosas como formas de cuidado e limites e dilmeas do Estado Laico.
Protesto das mães em busca de seus filhos desaparecidos, com sirenes ao fundo. Maurício se aproxima.	Luto coletivo e invisibilidade institucional.	Denúncia silenciosa sobre a negligência estatal diante do genocídio da juventude negra.
Maurício, com ajuda de um amigo, retira o corpo de M8 e realiza seu enterro.	Memória, dignidade e justiça.	Rituais de despedida que rompem com a necropolítica e afirmam a humanidade dos corpos esquecidos.

Fonte: A Autora (2025)

É possível perceber a diversidade de temas mobilizados pelos grupos — como ancestralidade, genocídio da juventude negra, epistemicídio, espiritualidade, saúde pública e racismo institucional — revelando a potência do cinema como catalisador de reflexões interdisciplinares. O quadro também evidencia que as cenas não foram apenas descritas, mas interpretadas a partir de marcadores sociais (raça, classe, gênero, território), o que indica um avanço na leitura crítica das imagens para além do sentido denotativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises demonstraram que o letramento audiovisual, orientado por uma perspectiva crítica e situada, amplia a potência formativa de espaços interdisciplinares. Ao convocar sentidos sensíveis e insurgentes, a proposta contribuiu para deslocar olhares e valorizar saberes silenciados. Como limitação, aponta-se a ausência de instrumentos avaliativos mais sistemáticos para mensurar os efeitos da atividade a médio e longo prazo.

O desdobramento deste trabalho sugere o aprofundamento de pesquisas que

compreendam o cinema não apenas como ferramenta didática, mas como forma de pensamento social.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Gisele. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. In: SILVA, Petronilha B. (org.). **Pele negra, máscaras brancas: o negro e o poder do racismo**. Cadernos de Pesquisa, nº 117, p. 25-38, jul. 2003.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1995

M8: quando a morte socorre a vida. Direção de Jeferson de. Rio de Janeiro: Midgal Filmes, 2020. Color.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERES, Ursula. **Desigualdades persistentes no Brasil: avanços e desafios na redução da pobreza e melhoria de renda**. In: OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DAS DESIGUALDADES. Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades 2024. São Paulo: Pacto Nacional pelo Combate às Desigualdades; CEBRAP; ABCD, 2024. p. 30-XX. Disponível em: https://combateasdesigualdades.org/wp-content/uploads/2024/09/RELATORIO_2024_v3-1.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025

RANCIÈRE J. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009. p.72

RAMOS, Juliane Kelm. **A sociologia em cena: explorando o letramento audiovisual na formação continuada**. 2025. 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch'ixi es posible**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009